

Sócrates e a Vitimização

24-Mar-2009

A estratégia de vitimização e perseguição levada a cabo por José Sócrates ultrapassou ontem o ridículo e começou a prefigurar-se mais como uma patologia do foro psicológico ou psiquiátrico do que com meras características comportamentais. Isto a propósito da sua mais recente e descabida afirmação de que «O sindicalismo livre de tutelas partidárias serve os interesses de Portugal». A frase em si atenta a legítima, agora quando vem da boca de um Primeiro-Ministro que discursa exactamente no Congresso da Tendência Sindical Socialista, afecto à UGT que é liderada por João Proença, um alto dirigente socialista, configura em si a ideia de que José Sócrates está a ultrapassar os limites do razoável e não é vontade de rir porque creio veementemente que o próprio o disse com toda a convicção e sinceridade, não se dando sequer conta do caricato quixotesco da situação.

Ou seja, o que se depreende destas declarações é que o Primeiro-Ministro deseja sindicatos livres de influências partidárias, referindo-se obviamente à "coligação" CGTP/PCP-BE, excepto o seu que por ser socialista já é plural e livre! Se somarmos este episódio a outros mais recentes podemos vislumbrar uma tendência evidente e manifesta para o discurso de auto-vitimização num claro reflexo de desresponsabilização, passando assim do homem providencial que faz e acontece para o pobre coitado a quem todos querem bater. É a vítima dos sindicatos, é a vítima de uma campanha negra por parte da comunicação social (TVI e Público), é a vítima no caso Freeport, é a vítima na história mal contada da licenciatura tirada com exames ao domingo, é a vítima na anedota que são os projectos das casinhas da Guarda, é a vítima do escritório do governo anterior, é a vítima da crise internacional, é a vítima dos "poderes ocultos" e das "fugas de informação", é a vítima em tudo aquilo que possa ser alvo de crítica ou opinião divergente.

Esta auto-desculpabilização e eleição do outro como bode expiatório não passa a meu ver de uma estratégia concertada que visa ocultar a actual baixa auto-estima que assola o nosso primeiro-ministro, resultado de um egocentrismo e egoísmo que foram caracterizando a sua actualidade ao longo destes últimos 4 anos e que foram resultando quando o vento soprava a favor, mas que agora já não servem por ver o país e o mundo desabarem a seus pés logo no ano de eleições. Isto é, o culto do líder que tudo pode e tudo faz e que foram apanágio deste governo e da maioria parlamentar que o suporta só serve quando a maré está de feição, caso contrário e quando as coisas começam a correr menos bem desviam-se logo as atenções para aqueles que querem mal ao "nosso querido líder", não podendo este ser responsabilizado por episódios e políticas que geram e levam à contestação por parte das pessoas porque a José Sócrates só se podem associar factos positivos em manobras de propaganda dignas de regimes funestos, como a contratação de crianças para preencher cenários ou como a entrega de computadores Magalhães aos miúdos durante apenas o período em que decorrem as visitas do primeiro-ministro às escolas para se retirarem logo de seguida, mal a comunicação social abandona os locais onde decorrem as mesmas. Relembro-lhe que as pessoas que se manifestam na rua, nos cafés, no quotidiano... não têm uma central de propaganda por trás que lhes delineiam os planos de protesto. Pelo contrário, insurgem-se genuinamente contra políticas que acham abusivas dos seus direitos. Não partem montras nem provocam as autoridades, não são desordeiras nem violentas. Expressam a sua discordância pelo método mais pacífico e democrático que encontram para traduzir o seu descontentamento, e o nosso primeiro-ministro corre logo a dizer que são marionetas dos sindicatos.

Caro primeiro-ministro, essa atitude de fuga constante é crônica, os incessantes reparos que faz é oposição confundindo debate com insulto, discussão com ofensas, em nada o dignificam a si, ao Partido Socialista, ao Governo e ao País. Pelo contrário. Essas irritações constantes são contrárias à cultura democrática. Essa fuga ao debate com a pequena política que o caracteriza é o sintoma da sua desorientação quanto ao futuro do país. Se alguns o descrevem como persistente outros dizem que é obstinado, se lhe disserem que é firme outros pensarão que é teimoso, se o qualificarem como inflexível outros pensarão que é birrento. Chama-se a isso divergência de opinião e em democracia temos que conviver com ela. E há um ditado antigo que diz que o maior ignorante é aquele que pensa que tudo sabe. E já o meu avô dizia que saber ouvir é uma grande virtude.

Marco Daniel Nicola Verissimo